

RECADO DE PARIS

PARIS, janeiro — Um jornalista inglês diz que Ingrid Bergman sofre de uma depressão nervosa, e junta que "seus nervos estão tensos como as cordas de uma guitarra".

Até os nervos são bonitos, nessa mulher!

Para consolar os cariocas que esperam sua vez de ter telefones: em França há, nas mesmas condições, 82.000 pessoas, das quais 30.000 em Paris.

E para os compradores de quadros, preços registrados nas últimas vendas do "Hotel Drouot" (em milhares de francos): um guache de Chagall, 126; uma sanguine de Renoir, 173; uma tela de Monet, 405; uma de Rouault, 320; uma de Vlaminck, 200. Um óleo de Brueghel, o velho, chamado "Caminho da aldeia", deu 510.

O caso da Coca-Cola parece ter sido um verdadeiro "abacaxi" para os deputados franceses. Vejamos a marcha de um projeto do grupo comunista que proíbe essa bebida na França:

O projeto foi mandado à Comissão de Bebidas. Esta declarou que, por um lado, a Coca-Cola é uma bebida que não pertence a nenhuma das categorias previstas; por outro lado, pelo fato de conter benzoato de sódio, é possível que ela seja considerada tóxica. E aconselhou que o projeto fosse para a Comissão de Família e Saúde. Esta decidiu que a toxidez da bebida é um assunto extremamente complexo e delicado, mas em todo caso o fato é que a Coca-Cola faria uma terrível concorrência às águas minerais e sucos de frutas nacionais, de maneira que era melhor mandar ouvir a Comissão de Assuntos Econômicos. Esta Comissão, por sua vez, resolveu entregar o assunto ao plenário. E agora a Assembleia resolveu (por 280 contra 270 votos)... mandar o projeto novamente para a Comissão de Bebidas. Tudo vai começar de novo.

Comentário de um jornal de economia e finanças, "Les Echos":

"Não há nenhuma razão séria de ordem econômica e financeira (já não falemos toxicológica, pois isso é uma pilhéria) para proibir a exploração da Coca-Cola na França". Explica que a maioria do capital da sociedade seria francês, e não haveria nenhuma transferência de dólares.

"Mas está provado, por outro lado, pelas experiências da Bélgica, do Egito, etc, que a sociedade dispõe de tais meios de lançamento, publicidade e organização que ela tomaria conta muito rapidamente de uma parte considerável do mercado, em prejuízo das marcas nacionais de refrigerantes. O fundo do problema é este: os lucros da Coca-Cola ficam na França, são gastos na França, e o Estado e a renda nacional não sofrem de modo algum. Mas velhos estabelecimentos comerciais do país e hábitos característicos da população serão pouco a pouco deteriorados e substituídos por uma firma e um hábito do Novo Mundo. E, depois, isso começa pelas bebidas, mas pode continuar pelas geladeiras, gravatas, televisão, automóveis. Sempre sem inconveniente para o Tesouro — mas será que o espírito de uma civilização pode sobreviver à transformação completa de sua base comercial? Eis o ponto de interrogação imenso, explosivo, que o negócio da Coca-Cola faz erguer pela primeira vez...".

Em resumo: a revista de economia e finanças faz como as Comissões da Câmara: manda o assunto para outros exames...

13. 1. 50

R. BRAGA